

A nossa resistênci ativa em tempos de quarentena

Maria Rosineide Pereira

14

Amanhã já não seremos sós
Estaremos entre nós
Amanhã diremos nossas palavras de ordem
Com toda a força da nossa voz
Nossas canções serão entoadas sob o tremular
de nossas bandeiras

E mesmo que você não queira
Terá que aceitar o colorido de nossos turbantes
Que simbolicamente anunciarão a cor do nosso
levante

Amanhã pode ter certeza, iremos voltar às ruas
Em protestos que dirão da urgência dessa vida
nova
Que todas e todos queremos e pela qual
lutamos

Enquanto isso seremos nós por nós mesmas e
nós mesmos
Enquanto isso busquemos a unidade

Amanhã aliviaremos essa saudade
E o banzo que há algum tempo nos faz
companhia

Enquanto isso que a gente possa ir resistindo
Com nossa arte, com os nossos versos, com o
nosso jeito semear rebeldia.

(Rosa Negra)

Vivemos um período histórico de mudanças significativas na forma como a maioria das pessoas compreende o funcionamento da sociedade do consumo, no sentido de perceber como ela foi estruturada para aferir a máxima capacidade de lucro aos donos do capital passando por cima de tudo que esteja no caminho, inclusive da vida humana. Essa questão não era tão evidente assim para essa parcela da sociedade até enfrentarmos as consequências da pandemia do COVID- 19. A crise que estamos vivendo, desde fins de 2008, e que pode se dizer que é estrutural por ser uma crise sócio, política e econômica, se agravou muito nesse período e pode afetar a vida de toda a humanidade pelo menos para os próximos 10 anos segundo os/as especialistas.

Cadernos de Estágio Vol. 2 n.1 - 2020

Alguns fatores têm contribuído para o agravamento das questões acima colocadas em nosso país, como por exemplo, a irresponsabilidade política do presidente que opera o tempo todo com atitudes que negam a importância da ciência e não incentiva ações de combate ao novo coronavírus, pelo contrário faz questões de desdizer a eficácia das orientações realizadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Nesse sentido, ocorre em todo o território uma difusão descontrolada dos casos de coronavírus e ao mesmo tempo um descaso pelos mortos. Acrescenta-se a isso, a pressão de empresários e as ações que vão na contramão do razoável, numa busca de retorno à normalidade que estão conduzindo o Brasil a condições trágicas, tanto sanitárias quanto econômicas.

Como era de se esperar, as consequências são maiores para as vidas consideradas sem importância, ou seja, da população mais carente e por isso o fique em casa, higienize mãos e alimente-se são recomendações que não fazem muito sentido para quem vive nas periferias e favelas, nas ruas, prisões, entre outras. A forma como a vida humana tem sido banalizada vai conformando no senso comum essa ideia de que muitos/as irão morrer por causa da pandemia, mas também por falta de condições materiais de vida.

No entanto é como se aparentemente estivesse tudo bem, aparentemente, porque na essência, há um questionamento acerca das alternativas possíveis e dentre estas está à defesa dos direitos sociais como uma tarefa urgente. É necessário o estabelecimento de uma estratégia para defesa da dignidade humana e para pensar a vida em sociedade na

pós-pandemia. Nesse contexto, enquanto MST, temos nos colocado alguns desafios, tais como: cuidar das pessoas, da saúde física e mental do povo; desenvolver ações de solidariedade, matar a fome do povo e organizar o povo; luta pelos direitos; centralidade e unidade da luta para derrotar o governo Bolsonaro e os bolsonaristas; apropriar-se das novas ferramentas de comunicação. É bem verdade que vivemos uma realidade caótica, mas é urgente o resgate de valores humanistas como indignação, solidariedade e a defesa da vida acima do lucro.

1. “A solidariedade é a ternura dos povos”

A palavra solidariedade vem do latim, in solidum e significa responsabilidade coletiva, empatia e respeito pelo/a outro/a. Para as classes dominantes o termo solidariedade é sinônimo de ações assistencialistas realizadas por entidades e/ou pessoas físicas, que por décadas, acumularam e exploraram vidas humanas ou têm profissões e cargos, cujos salários ultrapassam os limites da ética e da justa partilha. Essas ações assistencialistas partem da perspectiva de manter as relações de poder.

Já a classe trabalhadora, a solidariedade constitui-se enquanto um valor fundamental tem a ver com comprometimento e amor pela humanidade, isso implica em agir para o bem coletivo; tem sentido de ação para justiça social. Neste sentido, o momento é de ação e de unidade campo e cidade;

“A solidariedade é a ternura dos povos” e a mística que move nossa militância. As ações sempre fizeram parte das resistências populares nos momentos mais difíceis, no Cristianismo

temos o exemplo da multiplicação dos pães e peixes, da vida de São Francisco e de Madre Tereza de Calcutá, por exemplo. Também havia muita solidariedade e resistência entre os povos escravizados trazidos da África para América, como o cuidado de deixar comida nas encruzilhadas para os/as que estivessem em fuga para os quilombos poderem se alimentar no caminho. Podemos citar também as brigadas de solidariedades internacionalistas organizadas por Cuba nas campanhas de alfabetização ou com médicos/as cubanos/as que se espalham mundo afora. Esses exemplos fortalecem essa ideia de Ernesto Che Guevara “Acima de tudo procurem sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a mais bela qualidade de um revolucionário”.

2. A campanha de Solidariedade Periferia Viva: “Vamos precisar de todo mundo”

Desde março as ações de solidariedade cresceram em todo o país. A campanha de solidariedade Periferia Viva é composta por organizações do Campo Popular e se constitui numa rede de apoio às populações mais impactadas economicamente pelo coronavírus em nível nacional. Para o MST o compromisso com a campanha de solidariedade está relacionado com o nosso programa de Reforma Agrária Popular e com a nossa missão que é produzir alimentos saudáveis para a classe trabalhadora.

As ações realizadas vão desde as doações de alimentos, a formação para o trabalho de base/saúde popular (agentes populares de saúde), as marmitas solidárias/cafés solidários, a confecção de máscaras,

a construção de hortas comunitárias. Além disso, estamos mobilizando estudantes para participar do cursinho popular Podemos + e fazendo orientações sobre os cuidados com a saúde do lar, pessoal e violência contra mulher. Essas ações se dão na contramão dos que defendem o lucro acima da vida e demonstram a insuficiência da assistência prestada pelo poder estatal diante da mais aguda crise sistêmica e sanitária do último período.

Por isso, os desafios que se fazem necessários partem da urgência de ir aliviando a fome, cuidar do povo, buscar formas de auto-organizar a educação popular, construir ferramentas alternativas de comunicação, além da retomada do trabalho de base. Esse último desafio, mas não menos importante, reforça a ideia de que a construção de uma saída coletiva se dará a partir destas e outras ações cotidianas de resistência realizadas num processo de solidariedade ativa pela própria classe trabalhadora.